



Bethlehem Ministry
OF THE ASSEMBLIES OF GOD

CONDUTA 8
CARÁTER 2

A FOME POR UMA VIDA QUE AGRADA A DEUS



*“Bem-aventurados os que têm
fome e sede de justiça, porque
eles serão fartos; Bem-aventura-
dos os misericordiosos, porque
eles alcançarão misericórdia;”
Mateus 5:6-7*

BOLETIM 687 - ESTUDO 827
DIA 20 DE SETEMBRO

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de uma série composta por três estudos sobre as Bem-Aventuranças encontradas em Mateus 5:3-11, sob o tema geral “Conduta – Caráter”. Nosso estudo é o segundo dessa série e possui o título *“A FOME POR UMA VIDA QUE AGRADA A DEUS”*, baseado em Mateus 5:6-7.

À primeira vista, fome e sede de justiça e a prática da misericórdia podem parecer assuntos diferentes. Entretanto, Jesus coloca essas duas características em sequência, mostrando que existe uma ligação entre aquilo que desejamos em nosso interior e a maneira como tratamos o próximo. Isso nos leva a algumas perguntas importantes: O que significa justiça no contexto bíblico? Por que Jesus utiliza a fome e a sede para representar esse desejo? O que significa a promessa de que essas pessoas *“serão fartas”*? E qual é a relação entre a misericórdia que recebemos de Deus e aquela que devemos oferecer às pessoas?

Durante este estudo, começaremos procurando compreender o significado bíblico da justiça e sua relação com transformação, santidade e submissão à vontade de Deus. Depois, estudaremos por que Jesus utiliza a fome e a sede para representar o desejo por uma vida que agrada a Deus. Em seguida, examinaremos os misericordiosos e a promessa de que eles *“alcançarão misericórdia”*, fazendo a transição daquilo que recebemos de Deus para aquilo que oferecemos ao

próximo. A linha principal que acompanhará todo o estudo será esta: Deus transforma nossos desejos e nossos relacionamentos. Por isso, antes de examinarmos a intensidade da fome e da sede, precisamos compreender aquilo para o qual esse desejo está direcionado: a justiça.

O SIGNIFICADO BÍBLICO DE JUSTIÇA

Quando ouvimos a palavra “justiça”, geralmente pensamos em leis, tribunais, direitos, julgamentos ou na punição de alguém que praticou alguma coisa errada. Esses assuntos fazem parte do conceito de justiça, mas o significado bíblico é mais abrangente. Na Bíblia, justiça é aquilo que está de acordo com o caráter e a vontade de Deus. Deus é quem estabelece o que é certo, e não nossos interesses pessoais, sentimentos ou preferências. Portanto, viver em justiça significa permitir que nossa vida seja colocada em conformidade com aquilo que Deus considera correto. No Evangelho de Mateus, a justiça está relacionada a uma vida governada por Deus. Ela alcança nossos pensamentos, desejos e motivações, mas também se manifesta em nossas palavras, decisões e relacionamentos. Por isso, a



justiça bíblica não pode ser limitada somente à vida interior, como se tratasse apenas de oração e santidade pessoal, nem somente às questões exteriores, como se tratasse apenas da maneira como a sociedade deve funcionar. Ela começa em nossa relação com Deus e alcança toda a nossa maneira de viver.

A primeira vez que a palavra “justiça” aparece em Mateus é no batismo de Jesus. João Batista não compreendia por que Jesus desejava ser batizado, mas Jesus respondeu:

Mateus 3:15

“Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu.”

Nesse contexto, cumprir toda a justiça significa obedecer completamente ao propósito do Pai. Jesus não estava procurando uma aparência religiosa nem tentando demonstrar que era melhor do que as outras pessoas. Ele estava ocupando o lugar determinado por Deus e submetendo-se à sua vontade. Isso nos ajuda a compreender que a justiça bíblica não começa quando nos comparamos com alguém, mas quando perguntamos se nossa vida está de acordo com aquilo que Deus deseja.

Mais adiante, Jesus apresenta outra dimensão dessa justiça:

Mateus 5:20

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus.”

Os escribas e fariseus eram conhecidos por seu cuidado com as práticas religiosas. Entretanto, Jesus mostrou que é possível obedecer exteriormente a determinadas regras enquanto o coração continua dominado pelo orgulho, pela hipocrisia, pela falta de amor e pelo desejo de reconhecimento. Quando Jesus fala de uma justiça que deve exceder a deles, não está dizendo que precisamos apenas acrescentar mais regras. Ele está falando de uma justiça que não permanece na aparência, mas alcança as intenções e os desejos do coração.

Isso não significa que conquistamos a salvação por meio de nossas obras ou que precisamos apresentar um comportamento perfeito para merecer o favor de Deus. A justiça do Reino não é uma competição para saber quem consegue parecer mais correto.

Ela é o resultado de uma vida que está sendo transformada e colocada sob o governo de Deus. Essa transformação produz santidade, obediência, verdade e integridade.

Ela também modifica a maneira como tratamos as pessoas, porque não podemos afirmar que vivemos segundo a vontade de Deus enquanto agimos com desonestidade, injustiça, crueldade ou indiferença diante das necessidades do próximo.

A importância dessa justiça também aparece quando Jesus ensina sobre as prioridades da vida:

Mateus 6:33

“Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.”

Buscar primeiro o Reino de Deus significa reconhecer seu governo como a prioridade de nossa vida. Buscar sua justiça significa desejar aquilo que está de acordo com esse governo. Não podemos afirmar que buscamos o Reino enquanto rejeitamos a vontade do Rei. Por isso, a justiça influencia nossas escolhas, relacionamentos, palavras, hábitos e responsabilidades. Ela nos leva a perguntar não apenas o que desejamos fazer, mas o que agrada a Deus.

A aplicação pessoal começa quando deixamos de procurar justiça somente pelos erros cometidos pelos outros e permitimos que Deus examine primeiro nosso próprio coração. É mais fácil desejar que Deus corrija as pessoas ao nosso redor do que reconhecer aquilo que precisa ser transformado em nós. A justiça bíblica nos ensina a desejar que Deus coloque em ordem nossos pensamentos, motivações, hábitos e relacionamentos. Ela inclui abandonar o pecado, crescer em santidade, agir com integridade e tratar as pessoas de maneira correta.

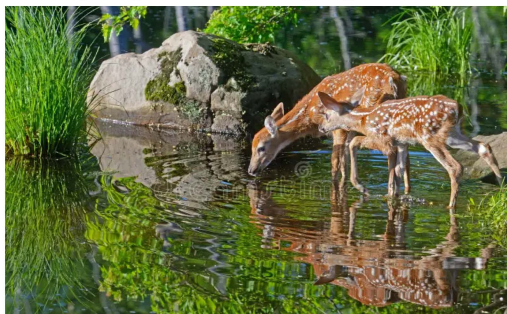
Podemos, então, explicar a justiça bíblica como uma vida colocada no lugar correto diante de Deus: ele governa, nós nos submetemos e nossa maneira de viver começa a refletir sua vontade. Então *podemos parafrasear Mateus 5:6 desta forma:*

Bem-aventurados os que têm fome e sede de viver de acordo com aquilo que Deus considera correto, de uma vida em conformidade com a vontade de Deus e de uma vida que agrada a Deus, porque serão fartos.

OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA — “SERÃO FARTOS”

Depois de compreendermos o significado bíblico de justiça, podemos entender por que Jesus utiliza a fome e a sede para representar o desejo por uma vida que agrada a Deus.

A fome e a sede são necessidades fundamentais para a sobrevivência do ser humano. Quando o corpo necessita de alimento, sentimos fome; quando necessitamos de água, sentimos sede. Essas sensações nos avisam que existe uma necessidade que precisa ser atendida. Uma pessoa que está verdadeiramente faminta não trata o alimento como algo secundário, e alguém que está com muita sede não considera a água sem importância. Além disso, uma única refeição não elimina definitivamente essas necessidades. Depois de algum tempo, voltamos a sentir fome e sede, porque nosso corpo permanece



ce dependente de alimento e água. Ao escolher essa comparação, Jesus apresenta quatro características importantes: necessidade, intensidade, continuidade e dependência. A justiça não deve ser tratada como um assunto secundário da vida cristã. Assim como o corpo precisa continuamente de alimento e água, nossa vida espiritual depende da vontade de Deus. Jesus está descrevendo pessoas que reconhecem essa necessidade e desejam profundamente que sua vida seja colocada em conformidade com aquilo que Deus considera correto.

Existe, entretanto, uma diferença entre as necessidades físicas e as espirituais. Nosso corpo normalmente anuncia sua necessidade de alimento e água de maneira automática, mas nossa percepção espiritual pode ser enfraquecida ou confundida. Podemos estar espiritualmente necessitados sem compreender claramente o que está acontecendo. Assim como uma pessoa enferma pode perder o apetite mesmo necessitando de alimento, também podemos perder o desejo pelas coisas de Deus enquanto continuamos necessitando delas. A ausência de fome espiritual não significa necessariamente que estamos satisfeitos ou saudáveis.

No Salmo 42:1-2 o salmista utiliza uma imagem semelhante para descrever o desejo por Deus:

Salmos 42:1-2

“Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha

alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?”

O salmista compara seu desejo pela presença de Deus à necessidade de um animal que procura água. Não se trata apenas de um interesse passageiro, mas do reconhecimento de uma dependência profunda. Da mesma maneira, a fome e a sede mencionadas por Jesus descrevem pessoas cuja vida está sendo direcionada para aquilo que agrada a Deus.

Também precisamos observar que Jesus não chama bem-aventuradas simplesmente as pessoas que possuem desejos intensos. Todo ser humano tem fome e sede de alguma coisa. Podemos desejar reconhecimento, segurança, poder, conforto, prazer ou controle. A intensidade de um desejo não significa que ele seja correto. O que distingue as pessoas mencionadas por Jesus é o objeto de sua fome e de sua sede: elas desejam justiça. Depois de compreendermos que justiça é uma vida colocada sob o governo de Deus, percebemos que essas pessoas desejam transformação, santidade, obediência e uma maneira correta de viver.

A fome e a sede são imagens do desejo; a justiça é aquilo que está sendo desejado. Jesus não está dizendo que a justiça é literalmente um alimento ou uma água espiritual. Ele está ensinando que a vontade de Deus deve ser desejada como algo necessário para a vida.

Essa fome não está direcionada apenas à correção dos erros cometidos pelos outros, mas ao desejo de que Deus coloque em ordem tudo aquilo que não corresponde à sua vontade, começando no interior de cada pessoa.

A promessa ligada a esse desejo é: “*serão fartos*”. Jesus não promete satisfazer todo desejo humano, mas promete satisfazer aqueles que têm fome e sede de justiça. A pessoa reconhece sua necessidade e busca aquilo que agrada a Deus, mas é o próprio Deus quem concede a satisfação. Ele ensina, corrige, sustenta e transforma aqueles que desejam viver de acordo com sua vontade.

Essa satisfação já pode ser experimentada enquanto Deus trabalha em nossa vida, mas não significa que alcançamos perfeição completa ou que deixamos de desejar crescimento. A promessa também aponta para o futuro, quando a justiça de Deus será plenamente estabelecida e sua obra será completada. Portanto, estamos satisfeitos por aquilo que Deus já realizou, enquanto continuamos desejando aquilo que ele ainda realizará.

DESEJAR TRANSFORMAÇÃO, SANTIDADE E A VONTADE DE DEUS

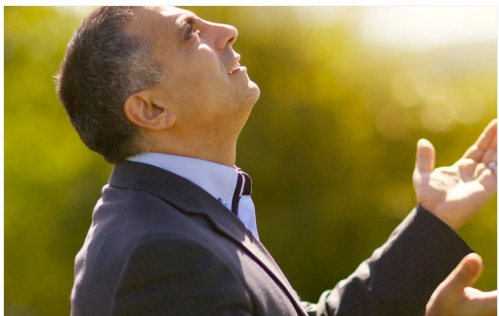
A fome e a sede de justiça não se limitam ao interesse por um ensinamento bíblico. Elas revelam a disposição de ter o interior e a conduta colocados em conformidade com aquilo que agrada a Deus.

Romanos 12:1-2

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Paulo reúne três aspectos importantes: a renovação do entendimento, uma vida dedicada ao Senhor e o reconhecimento de sua vontade. A mudança começa na maneira de pensar e alcança motivações, escolhas e atitudes. A santidade, portanto, não é uma aparência religiosa, mas uma vida separada do pecado e coerente com aquilo que se afirma crer.

Essa aplicação torna-se pessoal porque é mais fácil perceber o que precisa ser corrigido nas circunstâncias ou nas outras pessoas do que reconhecer o que está errado em nós. Nossas reações revelam essa condição. A resistência à correção pode mostrar orgulho; a dificuldade diante do reconhecimento recebido por alguém pode revelar



inveja; a impaciência quando perdemos o controle pode demonstrar que nossos interesses ocupam um lugar maior do que a vontade do Senhor.

Buscar a vontade de Deus não significa esperar que ele apenas confirme nossos planos. Significa aceitar seu governo mesmo quando ele confronta preferências pessoais. Essa obra acontece progressivamente, alcançando diferentes áreas da vida e produzindo uma conduta correspondente ao caráter que está sendo formado.

Assim, ter fome e sede de justiça não significa já ter alcançado a perfeição, mas querer viver de maneira santa e agradável a Deus. Depois de tratar desses desejos interiores, Jesus dirige o ensino para os relacionamentos, apresentando os misericordiosos e a promessa de que eles *“alcançarão misericórdia”*.

OS MISERICORDIOSOS — “ALCANÇARÃO MISERICÓRDIA”

Depois de tratar da justiça, da santidade e da vontade de Deus, Jesus dirige o ensino para os relacionamentos. A mudança realizada no interior começa a aparecer na maneira como as pessoas são tratadas.

Mateus 5:7

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;”

Ser misericordioso significa perceber a necessidade, o sofrimento, a

fraqueza ou a culpa de alguém e responder com compaixão. Essa resposta pode aparecer como ajuda, paciência, perdão, cuidado ou busca pela restauração. Portanto, não se trata apenas de sentir pena. Um sentimento pode permanecer no interior sem produzir qualquer atitude, enquanto a verdadeira compaixão se torna visível na conduta.

Jesus não fala de uma ação isolada, mas de pessoas caracterizadas por essa qualidade. Elas não avaliam o próximo somente por seus erros, limitações ou por aquilo que pode oferecer. Sua maneira de agir demonstra sensibilidade diante da dor, paciência com as fraquezas e disposição para tratar quem falhou sem crueldade ou desejo de humilhação.

Isso não significa ignorar o pecado, abandonar a verdade ou impedir toda consequência. Existem situações nas quais o erro precisa ser confrontado, a pessoa prejudicada deve ser protegida e limites precisam ser estabelecidos. A justiça reconhece aquilo que é certo, enquanto a compaixão orienta a maneira como lidamos com as pessoas envolvidas. Assim, é possível corrigir sem humilhar e estabelecer responsabilidade sem alimentar vingança.

A promessa de que os misericordiosos *“alcançarão misericórdia”* não apresenta uma negociação com Deus.

As boas ações não compram seu favor nem criam um crédito diante dele. A conduta compassiva evidencia que a pessoa compreendeu a graça e está sendo alcançada pelos valores do Reino. O mesmo Deus que farta os que têm fome e sede de justiça é aquele que concede misericórdia.

Tiago 2:13

"Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o juízo."

Esse texto mostra a seriedade do assunto. Uma vida permanentemente marcada pela crueldade, indiferença e falta de perdão contradiz a fé que a pessoa afirma possuir. Tiago não ensina que a salvação é conquistada por boas obras, mas demonstra que aquilo que foi recebido deve produzir resultados na maneira de viver.

A pergunta que surge é: de onde vem essa disposição para tratar o próximo dessa forma? Ela não nasce da superioridade moral nem da ideia de que algumas pessoas são naturalmente melhores do que outras. Sua origem está na maneira como o próprio Deus nos trata.

DAQUILO QUE RECEBEMOS DE DEUS PARA AQUILO QUE OFERECEMOS AO PRÓXIMO

A misericórdia tem sua origem em Deus. Antes de oferecermos compaixão, paciência e perdão, fomos alcançados por essas mesmas coisas. A conduta cristã não nasce da supe-

rioridade moral, mas do reconhecimento de que também dependemos da graça divina.

Efésios 4:32

"Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo."

Paulo estabelece uma relação direta entre o que Deus fez e a maneira como seus filhos devem viver. A expressão *"como também Deus vos perdoou em Cristo"* apresenta o fundamento do perdão oferecido ao próximo. Não perdoamos porque a ofensa deixou de ser importante ou porque somos melhores do que quem nos ofendeu. O perdão recebido em Cristo estabelece um novo padrão para os relacionamentos.

A bondade, a compaixão e o perdão não compram o favor de Deus. Eles são resultados da graça que já nos alcançou. Quem compreende que foi tratado com paciência passa a olhar de outra maneira para as fraquezas das pessoas. Quem reconhece o perdão recebido entende que não pode permanecer governado pelo desejo de vingança. Assim, aquilo que Deus realiza no interior começa a produzir uma nova conduta.

Estêvão é um exemplo bíblico dessa verdade. Ele anunciou a Palavra com fidelidade e, por causa de seu testemunho, foi perseguido e apedrejado. Mesmo diante da violência de seus acusadores, sua reação demonstrou que o caráter de Cristo estava sendo formado nele.

Atos 7:59-60

“E apedrejaram a Estêvão, que, em invocação, dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.”

Estêvão não negou a injustiça que estava sofrendo nem chamou a violência de algo correto. Entretanto, em vez de pedir vingança, entregou sua vida ao Senhor Jesus e pediu que aquele pecado não fosse atribuído aos seus perseguidores. Sua atitude se parece com a misericórdia demonstrada pelo próprio Cristo e revela como o evangelho havia alcançado sua maneira de tratar até mesmo aqueles que lhe faziam mal.

Esse exemplo mostra que a compaixão oferecida ao próximo não depende do merecimento da outra pessoa. Ela procede daquilo que foi recebido de Deus. Isso não elimina a verdade, a responsabilidade ou as consequências do erro, mas impede que a crueldade e a vingança determinem nossa resposta.

Aquilo que recebemos pode aparecer nos relacionamentos de diferentes maneiras. A compaixão recebida torna-se cuidado com quem sofre;

a paciência recebida transforma o tratamento dado às fraquezas; o perdão recebido muda a resposta diante das ofensas; e a bondade divina passa a orientar a maneira como enxergamos e tratamos as pessoas.

Dessa forma, o ensino iniciado com a fome e a sede de justiça chega à conduta misericordiosa. Deus coloca nossos desejos de acordo com sua vontade e faz essa mudança alcançar os relacionamentos.

CONCLUSÃO

Quero terminar colocando diante de nós duas histórias reais, porque às vezes conseguimos enxergar com mais clareza uma verdade quando vemos o que ela produz na vida de alguém.

Lee Strobel, em *The Case for Faith*, apresenta a trajetória de dois jovens evangelistas que, no final da década de 1940, estavam entre os nomes mais promissores do evangelismo aqui na América: *Billy Graham* e *Charles Templeton*. Eles eram amigos, pregavam o mesmo evangelho e ambos começaram a enfrentar perguntas difíceis a respeito da Bíblia e da fé cristã. *Templeton* passou a questionar cada vez mais a confiabilidade das Escrituras e chegou a pressionar *Graham* com suas próprias dúvidas. *Billy Graham* não saiu daquela conversa com todas as respostas. Pelo contrário, ficou profundamente perturbado.



Em 1949, durante um retiro em *Forest Home*, na Califórnia, *Graham* saiu sozinho e chegou diante de Deus com a Bíblia. Ele reconheceu que havia questões que não conseguia resolver intelectualmente, mas decidiu que aquilo que ainda não compreendia não o impediria de continuar confiando e submetendo-se à Palavra de Deus. Mais tarde, descreveu aquele momento como a travessia de uma grande barreira interior. Poucas semanas depois começaria a histórica campanha de Los Angeles.

Templeton seguiu outro caminho. Suas dúvidas cresceram até que deixou o ministério e abandonou a fé cristã. Décadas mais tarde, quando *Lee Strobel* o entrevistou, *Templeton* ainda falou de Jesus com profunda admiração e emoção. Os dois homens tiveram perguntas; os dois enfrentaram crises. Portanto, não devemos simplificar a história dizendo que um tinha perguntas e o outro não. O contraste aparece na direção que tomaram quando chegaram ao limite das próprias respostas.

E é aqui que Mateus 5:6 nos confronta. Ter fome e sede de justiça não significa compreender tudo nem passar pela vida sem conflitos. Significa desejar permanecer debaixo do governo de Deus até quando a sua vontade exige nossa confiança além daquilo que conseguimos explicar. Por isso, diante da experiência de *Billy Graham* e *Charles Templeton*, eu gostaria que cada um de nós se perguntasse:

O que eu realmente quero que Deus faça em mim?

Talvez eu queira que ele resolvesse meus problemas, mudasse minhas circunstâncias ou respondesse minhas perguntas. Mas será que quero também que ele trate minhas dúvidas, minhas resistências, minha vontade própria e aquilo que ainda não está completamente submetido ao seu governo?

Alguns anos antes, outra cristã teria de enfrentar uma questão diferente. *Corrie ten Boom* conta em *Tramp for the Lord*, que, em 1947, estava em uma igreja em Munique, na Alemanha. Ela havia ido àquele país devastado pela guerra para anunciar que Deus perdoa. Naquela noite, sua mensagem era justamente sobre o perdão divino. Quando terminou e as pessoas começaram a sair, um homem caminhou em sua direção. *Corrie* reconheceu nele um antigo guarda de *Ravensbrück*, o campo de concentração onde ela e sua irmã *Betsie* haviam sofrido e onde *Betsie* morreu.

Aquele homem contou que havia se tornado cristão, falou do perdão que recebera de Deus e estendeu a mão perguntando se *Corrie* também poderia perdoá-lo. Naquele momento, ela não precisava de outra mensagem sobre misericórdia. Ela acabara de pregá-la. O que precisava acontecer era muito mais profundo: a verdade que conhecia precisava alcançar sua própria reação diante

de alguém ligado a uma das maiores dores de sua vida. *Corrie* relata sua luta interior e como finalmente decidiu estender a mão e perdoá-lo, reconhecendo que aquela capacidade não procedia simplesmente de seus sentimentos, mas da graça de Deus.

E então Mateus 5:7 deixa de ser apenas uma frase conhecida e passa a nos perguntar:

O que a misericórdia que recebi de Deus está produzindo em mim?

Porque talvez seja relativamente fácil falar da misericórdia que recebemos. Mais difícil é perceber se essa misericórdia já alcançou nossa maneira de olhar para quem falhou, nossa paciência com as fraquezas, nossa reação diante das ofensas e até aqueles lugares do coração onde ainda carregamos feridas profundas.

Billy Graham nos leva a olhar para ***aquilo que desejamos que Deus transforme dentro de nós***. *Corrie ten Boom* nos leva a perceber ***o que essa transformação começa a produzir através de nós***. E talvez seja exatamente aí que estas duas *Bem-Aventuranças* se encontrem: quando o nosso desejo deixa de ser apenas receber de Deus aquilo que queremos e passa a ser tornar-nos aquilo que ele deseja, e quando a misericórdia que nos alcançou deixa de terminar em nós e começa a modificar a maneira como tratamos as pessoas.

Por isso, eu gostaria que estas duas perguntas nos acompanhassem depois que este estudo bíblico terminar:

O que eu realmente quero que Deus faça em mim?

E, se ele já tem trabalhado em mim,

O que a misericórdia que recebi de Deus está produzindo em mim?

Porque uma vida que agrada a Deus não é apenas uma vida que conhece as palavras de Jesus. É uma vida na qual essas palavras começam, progressivamente, a ganhar forma.

Deus abençoe!

Pr. Marcos de Moraes Carvalho
Worcester, MA

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Corrigida (ARC). Sociedade Bíblica do Brasil.

FRANCE, R. T. *The Gospel of Matthew*. New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

TURNER, David L. *Matthew*. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. edited by Robert W. Yarbrough and Robert H. Stein. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008.

STROBEL, Lee. *The Case for Faith: A Journalist Investigates the Toughest Objections to Christianity*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000.

TEN BOOM, Corrie, with Jamie Buckingham. *Tramp for the Lord*. Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1974.



PROPÓSITO DO MÊS

ADORAR



PAÍS DO MÊS - BRASIL



CONGREGAÇÕES DO MÊS

SOUTHWEST REGION

DALLAS

AMARILLO

MIDWEST REGION

COLUMBUS

PITTSBURGH

CLEVELAND

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITOS:

- ADORAR
- EVANGELIZAR
- DISCIPULAR
- CUIDAR

A RESPONSABILIDADE É MINHA!

Bethlehem Ministry of the Assemblies of God

United States

- . California
- . Florida
- . Georgia
- . Hawaii
- . Illinois
- . Maryland
- . Massachusetts
- . Mississippi
- . Nebraska
- . North Carolina
- . Ohio
- . Pennsylvania
- . South Carolina
- . Texas
- . Utah
- . Virginia
- Washington, DC
- . Washington State

Europe

- . Austria
- . Belgium
- . Czech Republic
- . Denmark
- . France
- . Germany
- . Ireland
- . Italy
- . Luxembourg
- . Holland
- . Portugal
- . Spain
- . Sweden
- . Swiss
- . United Kingdom

Asia

- . Bangladesh

Oceania

- . Australia
- . New Zealand

Caribe

- . Haiti

Africa

- . Mozambique

